

The background of the cover is a painting. It features a large, dark, gnarled tree trunk or branch that curves diagonally across the frame. The background is composed of large, irregular, golden-brown and yellowish shapes, resembling a honeycomb or a mosaic. There are some darker, more abstract shapes in the lower right corner, possibly representing foliage or a landscape.

o conto da ilha desconhecida

de José Saramago

Teatro de Rua - 2.ª edição - O conto da ilha desconhecida

José Saramago

ISBN 978-989-21-0000-0

NARRADOR - Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe:

MULHER - Que é que tu queres?

HOMEM - Dá-me um biscoito.

NARRADOR - A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições.

HOMEM - Como o rei passava todo o tempo sentado à porta das sósiquas...

REI - Entenda-se, os sósiquas que lhe fazem a ele.

HOMEM - ...de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desatendido, e só quando o resacaor continuo de atitudes de brutas se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sósique a lembrança é que dava ordem ao primeiro-secretário...

REI - ...para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar.

NARRADOR - Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela fínixia.

MULHER - Que é que tu queres.

NARRADOR - O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei.

REI - Ocupado como sempre estava com os sósiquas, o rei demorava a resposta...

NARRADOR - E já não era pequena sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um ...

REI - Parecer fundamentado por excitar

NARRADOR - ...se primeiro-secretário, o qual, acusado sem dizer, passava a encaminhar ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza.

MULHER - Que despatcha sim ou não conforme estivesse de maré.

HOMEM - Contudo, no caso do homem que queria um banco, as coisas não se passaram assim. Quando a mulher da limpeza lhe perguntou pela noção da porta,

MULHER - Que é que tu queres, e também, em lugar de pedir, como era o costume de todos, um título, uma condecoração, ou simplesmente dinheiro, respondeu:

HOMEM - Quero falar ao rei!

MULHER - Já sabes que o rei não pode vir, está na porta dos obsequios.

HOMEM - Pois então vai lá dizer-lhe que não saio daqui até que ele venha, pessoalmente, saber o que quero.

Deitou-se ao campo do lincol, tapando-se com a manta por causa do frio.

MULHER - Estar a sair, só por cima dela.

NARRADOR - Ora, isto era um enorme problema, se tivéreis em consideração que, de acordo com a pragmática das portas, ali só se podia atender um suplicante de cada vez, sendo resultava que, enquanto houvesse alguém à espera de resposta, nenhuma outra pessoa se poderia aproximar a fim de expor as suas necessidades ou as suas ambições. À primeira vista, quem ficava a ganhar com este artigo do regulamento era o rei.

REI - Dado que, tendo menos numerosa a gente que o viaja incomodar com lamúrias, mais tempo ele passava a ler, e mais descanso, para receber, contemplar e guardar os obsequios.

NARRADOR – À segunda vista, porém, o rei pensou, e muito, porque os protestos públicos, ao notar-se que a resposta estava a tardar mais do que o justo, faziam aumentar gravemente o descontentamento social.

REI – O que, por seu turno, ia ter imediatas e negativas consequências no afeto do obsequio.

NARRADOR – No caso que estamos narrando, o resultado da ponderação entre os benefícios e os prejuízos, foi ter ido o rei.

REI – Ao cabo de três dias, e em real pessoa, à porta das petições, para saber o que queria o intrometido que se havia negado a encaminhar o requerimento pelas competentes vias burocráticas. (A mulher da Imperatriz) Abre a porta!

MULHER – Toda, ou só um bocadinho? O rei devitou por um instante, na verdade não gostava muito de se expor aos urros da rua, mas depois reflexões que pareciam mal, além de ser indigno da sua majestade, falar com um sádito através de uma renga, como se tivesse medo dele.

REI – De par em par.

HOMEM – A ouvir correr os ferreiros, enrolou a manta e pôs-se à espera. Estes sinais de que finalmente alguém viria atender, e que portanto a coisa não tardaria a ficar desocupada, fizeram aproximar-se da porta uns quantos aspirantes à liberalidade de honra que por ali andavam, prontos a assaltar e levar mal de raposo.

REI – O imaginado aparecimento do rei.

NARRADOR – Nunca uma tal coisa havia sucedido desde que ele andava de coroa na cabeça!

REI – ... causou uma surpresa desmedida!

NARRADOR – Não só aos ditos candidatos mas também à vizinhança que, atraída pelo repentino alvoreço, assomou às janelas das casas, no outro lado da rua.

HOMEM - A única pessoa que não se surpreendeu por ali além foi o homem que tinha vindo pedir um barco. Calculara ele, e acertara na previsão, que o rei, mesmo que demorasse três dias, haveria de sentir-se curioso de ver...

REI - A cara de quem, sem mais, sem menos, com natural abreviamento, o mandara chamar.

MULHER - Repartida pois entre a curiosidade que não pudera reprimir e o desagrado de ver tanta gente junta, o rei, com o pior dos modos, perguntou três perguntas seguidas:

REI - Que é que queres? Por que foi que não disseste logo o que querias? Pensavas tu que eu não tenho mais nada que fazer?

HOMEM - Dá-me um barco.

NARRADOR - O assento deixou o rei a tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha,

MULHER - A mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha, pois, além da limpeza, tinha também à sua responsabilidade alguns trabalhos menores de costura no palácio como passear as peçigas dos papéis.

NARRADOR - Mal sentado, porque a cadeira de palhinha era muito mais baixa que o trono, o rei estava a procurar a melhor maneira de acomodar as pernas, ora encostando-as ora estendendo-as para os lados.

REI - É tu para que queres um barco, podes-te saltar?

HOMEM - Para ir à procura de ilha desconhecida.

REI - Que ilha desconhecida?

Perguntou o rei distendendo o riso, como se tivesse na sua frente um livro variado, das que têm a maré das navegações, e querê-lo seria bem contar logo de entrada.

HOMEM - A ilha desconhecida.

REI - Disparate, já não há ilhas desconhecidas.

HOMEM - Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas.

REI - Estão todas nos mapas.

HOMEM - Nos mapas só estão as ilhas conhecidas.

REI - É que ilha desconhecida é esta de que queres a procura?

HOMEM - Se eu te pudesse dizer, então não seria desconhecida.

REI - A quem convites tu falar dela?

HOMEM - A ninguém.

REI - Nesse caso, por que teinhas em dizer que ela existe?

HOMEM - Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida.

REI - E vieste aqui para me pedires um barco?

HOMEM - Sim, vim aqui para pedir-te um barco.

REI - E tu quem és, para que eu te dê?

HOMEM - E tu quem és, para que não mo des?

REI - Sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos.

HOMEM - Mas ilhas pertencem tu a eles do que eles a ti.

REI - Que queres dizer?

HOMEM - Que tu, sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar.

REI - Às minhas ordens, com os meus pilotos e os meus marinheiros.

HOMEM - Não te peço marinheiros nem pilotos, só te peço um barco.

REI - E essa ilha desconhecida, se a encontrares, será para mim?

SÉQUITO - A si, rei, só te interessam as ilhas conhecidas.

REI - Também me interessam as desconhecidas quando deixam de s ser

HOMEM - Talvez esta não se deixe conhecer

REI - Então não te dou o barco.

HOMEM - Dá-me.

Ao sair-se esta palavra, pronunciada com tranquila firmeza, os aspirantes à parte das petições, em quem, minuto após minuto, desde o princípio da conversa, a impaciência viera crescendo, e mais para se verem livres dele do que por simples solidária, resolveram intervir a favor do homem que queria o barco, começando a gritar:

SÉQUITO - Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco.

O rei abriu a boca para dizer à mulher da lenda que chamasse a guarda do palácio e vir restabelecer imediatamente a ordem pública e impor a disciplina, mas, nesse momento, as crianças que assistiam das janelas juntaram-se ao coro com entusiasmo, gritando como os outros,

SÉQUITO - Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco.

Passou uma tão instável manifestação da vontade popular e preocupado com o que, neste meio tempo, já havia perdido na parte dos sobriqueiros, o rei levantou a mão direita a imper silêncio e disse:

REI - Vou dar-te um barco, mas a tripulação tens de arranjar-la, os meus marinheiros são-me precisos para as ilhas conhecidas.

NARRADOR - Os gritos de aplauso da pública não deixaram que se perdessem o agradecimento do homem que viera pedir um barco, até o movimento dos lábios tanto teria podido ser obrigado, meu senhor, como Eu já me arranjaré, mas o que distintamente se ouvia foi a tão seguinte do rei,

REI - Vais à doca, perguntas lá pelo capitão do porto, dizem-lhe que te mandei eu, e ele que te dê o barco, leveis o meu cartão.

O homem que ia receber um barco lev o cartão da visita, este disse Rei por favor do nome do rei, e eram estas as palavras que ele havia escrito sobre a ombro da mulher da limpeza,

HOMEM - Entrega ao portador um barco, não precisa ser grande, mas que navegue bem e seja seguro, não quero ter remorsos na consciência se os reis lhe cometerem mal.

NARRADOR - Quando o homem levantou a cabeça, supôs-se que desta vez é que iria agradecer a diátria, já o rei ...

REI - Se tinha estrado!

NARRADOR - Foi estava a mulher da limpeza a olhar para ele com cara de caso. O homem desceu do degrau da porta, sinal de que os outros candidatos podiam entre avançar.

MULHER - A diátria de branco tornou a chamar a mulher da limpeza, mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decorações.

PEDRO - Que é raro ser usada, mas quando o é...

SÉQUITO - É.

MULHER - Agora sim, agora pode-se compreender a posição da cara de caso com que a mulher da limpeza havia estado a olhar, foi esse o preciso momento em que ela resolveu a alma do homem quando ela se dirigisse ao porto a tomar conta do barco. Pensou ela que já bastava de uma vida a limpar e a lavar o palácio do Rei, de passear as peles dos pajens do Rei, de engraxar as botas do Rei, de arrastar as paredes do Rei, de lavar as carruagens do Rei, que tinha chegado a hora de mudar de ofício, que lavar e limpar barcos é que era a sua vocação verdadeira, no mar, ao menos, a água nunca lhe faltaria.

NARRADOR - O homem nem sabia que, não tendo ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encomenda das baldesções e outros assentos, também é deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar.

(Música tema do Homem)

HOMEM - Acabou-se, não há mais que ver, é tudo igual. Andando, andando, o homem chegou ao porto, foi à doca, perguntou pelo capitão, e enquanto ele não chegava deixou-se a adivinhar qual seria, de quantos barcos ali estavam, o que iria ser o seu, grande já se sabia que não, o capitão de vista de rei era muito claro neste ponto, por conseguinte ficaram de fora os pequenos, os canhoneiros e os navios de guerra, tão-pouco poderia ser ele tão pequeno que resistisse mal às forças do vento e às rigores do mar, o rei também havia sido categórico neste ponto. Que navegue bem e seja seguro, foram então as suas formais palavras, assim implicitamente excluindo os tocos, as falhas e os esvalçados, os quais, sendo bons navegantes, e seguros, conforme a condição de cada qual, não tinham nascido para sulcar os oceanos, que é onde se encontram as ilhas descontentadas.

MULHER - Um pouco afastada dali, escondida por trás de uma toldos, a mulher da limpeza correu os olhos pelos barcos atracados. Para o meu gosto, aquele!

NARRADOR - Porém a sua opinião não cantava, nem sequer havia sido ainda contrastada, vamos ouvir antes o que dirá o capitão do porto.

O capitão veio, leu o cartão, mirou o homem de alto a baixo, e fez a pergunta que o rei se tinha esquecido de fazer.

CAPITÃO - Sabes navegar, tens carta de navegação?

HOMEM - Aprenderei no mar.

CAPITÃO - Não te aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco.

HOMEM - Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim.

CAPITÃO - Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro.

HOMEM - Se tenho a linguagem, é como se a fosse.

O capitão tentou a ler o cartão do rei, depois perguntou.

CAPITÃO - Poderás dizer-me para que queres o barco?

HOMEM - Para ir à procura da ilha desconhecida.

CAPITÃO - Já não há ilhas desconhecidas.

HOMEM - O mesmo me disse o rei.

CAPITÃO - O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o contigo.

HOMEM - É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas.

CAPITÃO - Mas tu, se bem entendê, vais à procura de uma onde nunca ninguém tenha desembarcado.

HOMEM - Sabei-lo-ei quando lá chegar.

CAPITÃO - Se chegares.

HOMEM - Sim, às vezes naufragas-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse.

CAPITÃO - Queres dizer que chegar, sempre se chega?

HOMEM - Não sei se quem lá se não a saubesse já.

CAPITÃO - Vou dar-te a embarcação que te convém.

HOMEM - Qual é ele?

CAPITÃO - É um barco com muita experiência, ainda de tempo em que toda a gente andava à procura de ilhas desconhecidas.

HOMEM - Qual é ele?

CAPTÃO - Juízo está que encontrou algumas.

HOMEM - Qual?

CAPTÃO - Aquela.

Assim que a mulher da limpeza percebeu para onde o capitão apontava, saiu a correr da direção dos blefes e gritou:

MULHER - É o meu barco, é o meu barco.

Há que perceber-lhe a insólita reivindicação de propriedade: a todos os níveis abusiva, o barco era aquele de que ela tinha gostado, simplesmente.

HOMEM - Parece uma caravela, disse o homem.

CAPTÃO - Mais ou menos, respondeu o capitão, no princípio era uma caravela, depois passou por amanho e adaptações que a modificaram um boceto.

HOMEM - Mas continua a ser uma caravela.

CAPTÃO - Sim, no conjunto conserva o artigo aí

HOMEM - E tem mastros e velas.

CAPTÃO - Quando se vai procurar ilhas desconhecidas, é o mais recomendável.

MULHER - Para mim não quero outro.

HOMEM - Quem és tu, pergunto a homem?

MULHER - Não te lembra de mim?

HOMEM - Não tento lembrar?

MULHER - Sou a mulher da limpeza.

HOMEM - Qual limpeza?

MULHER - A do palácio do rei.

HOMEM - A que abela a porta das peixes?

MULHER - Não havia outra.

HOMEM - E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e a abrir portas?

SÉQUITO - Limpar e a lavar o palácio do Rei, passear as peixes dos peixes do Rei, engraxar as botas do Rei, anear as paredes do Rei, lavar as janelas do Rei.

MULHER - Porque as portas que eu realmente quero já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos.

HOMEM - Então estás decidida a ir comigo procurar a ilha desconhecida.

MULHER - Sai do palácio pela porta das decisões.

PEDRO - Que é raro ser usada, mas quando o é...

SÉQUITO - É!

HOMEM - Sendo assim, vai põe a sanfona, vê como está aquilo, depois do tempo que passou deve precisar de uma boa lavagem, e tem cuidado com as galvoas, que não são do Rei.

MULHER - Não quero ir contigo conhecer o teu barco por dentro?

HOMEM - Tu dissteste que era teu.

MULHER - Desculpa, foi só porque gostei dele.

HOMEM - Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar.

CAPTÃO - Tenho de entregar as chaves ao dono do barco, a um ou a outro, resolvam-se, a mim tanto se me dá.

HOMEM - Os barcos têm chave?

CAPTÃO - Para entrar, não, mas lá estão as ancredagções e os gaióis, e a esquadria do comandante com o duto de bordo.

HOMEM - Ela que se encarregue de tudo, eu vou recrutar a tripulação.

NARRADOR - Duas coisas lhe valeram aí, a memória do paiócio e a prevenção contra as gaióias.

Alaque das gaióias

MULHER - Havia sinchos por toda a parte, muitas delas abandonadas, outras ainda com ovos, e um pauzão com gaióitinhos de bico aberto, à espera da comida. Pois sim, mas o malher é mudar-se daqui, um barco que vai procurar a ilha desconhecida não pode ter este aspecto, como se fosse um galinheiro. (música toma do Mulher da Limpeza) As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se estorçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, atrofiam, amolecem, perdem nervo. E as costuras são como os nervos das velas, pericor a mulher da limpeza, contenta por estar a aprender tão depressa a arte de marinhuela. Achou esgarçadas algumas bainhas, mas contentou-se com assinalá-las, uma vez que para este trabalho não podiam servir a linha e a agulha com que passajava as peiças dos sapatos antigamente, quer dizer, ainda ontem. Que a parte da pólvora estivesse desmuniada, salvo um poquinho negro no fundo, que parecia mais lhe pareciam cogentias de rato, não lhe importou nada, do facto não está escrito em nenhuma lei, pelo menos até onde a sabedoria duma mulher da limpeza é capaz de alcançar, que é em busca duma ilha desconhecida tenha de ser forçosamente uma empresa de guerra. Já a náica, e muito, e feita absoluta de munições de boca no paiol respectivo, não por si própria, que estava mais do que acostumada ao mau pessoal do paiócio, mas por causa de homens a quem dessem este barco, não tarda que o sol se ponha, e ela a aparecer-me aí a clamar que tem fome, que é o duto de todos os homens real entram em casa, como se só eles é que tivessem estômago e soubessem da necessidade de o encher. E se já traz marinhelos

para a tripulação, que são uns egres e comers, então é que não sei como nos iremos gozaras. (Música lenta do homem)

HOMEM - Está descansada? Trago aqui comida para os dois.

MULHER - E os marfheiros?

HOMEM - Não são marfheiros, como poder-sei.

MULHER - Mas deixado-os apalavrados, ao menos?

HOMEM - Disseme-me que já não há ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as descobrisse, não iriam elas tirar-se de sossego dos seus lares e da boa vida dos barcos de canoia para se meterem em aventuras ocêânicas, a procura de um impossível, como se ainda estivéssemos no tempo do mar tenebroso.

MULHER - E tu, que lhes respondeste?

HOMEM - Que o mar é sempre tenebroso.

MULHER - É a ilha fãlsta da ilha desconhecida?

HOMEM - Como poderia falar-lhes eu duma ilha desconhecida, se não a conheço?

MULHER - Mas tens a certeza de que ela existe.

HOMEM - Tenta como a de ser tenebroso o mar.

MULHER - Neste momento, visto daqui, com aquela água cor de jãl e o céu como um invólucro, de tenebroso não lhe encontro nada.

HOMEM - É uma ilustre tua, também as ilhas às vezes parecem que flutuam sobre as águas, e não é verdade.

MULHER - Que pensas fazer, se te falta a tripulação?

HOMEM - Ainda não sei.

MULHER - Poderíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavar os barcos que vêm à doca, é tu...

HOMEM - É eu?

MULHER - Tens com certeza um mestre, um ofício, uma profissão, como agora se diz.

HOMEM - Tanto, não, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver.

MULHER - Não o sabes?

HOMEM - Se não sei de ti, não chegas a saber quem és.

MULHER - O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, e vinha passear as pernas das pernas, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas?

HOMEM - Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós.

MULHER - Se não saímos de nós próprias, queas tu dizer?

HOMEM - Não é a mesma coisa.

NARRADOR - O incêndio do céu ia esmorecendo, a água arrefeceu-se de repente, agora nem a mulher da limpeza duvidaria de que o mar é mesmo tenebroso, pelo menos à certas horas.

(Mar tenebroso)

HOMEM - Deixemos as filosofias para o filósofo do rei, que para isso é que lhe pagam, agora vamos nós comer.

MULHER - Primeiro, tens de ver o teu barco, só o conheces por foto.

HOMEM - Que tal o encontraste?

MULHER - Há algumas beirinhas das velas que estão a precisar de reforço.

HOMEM - Desceste ao porão, encontraste água aberta?

MULHER - No fundo vê-se alguma, de mistura com o lestro, mas isso parece que é próprio, faz bem ao barco.

HOMEM - Como foi que aprendeste essas coisas?

MULHER - Assim.

HOMEM - Assim como?

MULHER - Como tu, quando diseste ao capitão do porto que aprendeste a navegar no mar.

HOMEM - Ainda não estavas na mar.

MULHER - Mas já estavas na água.

HOMEM - Sempre tive a ideia de que para a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o barco.

MULHER - E o céu, estás a esquecer-te do céu.

HOMEM - Sim, claro, o céu.

MULHER - Os ventos.

HOMEM - As nuvens.

MULHER - O céu.

LI e HOMEM - Sim, o céu.

NARRADOR - Em menos de um quarto de hora tinham acabado a volta pelo barco, uma casaca, mesmo transformada, não dá para grandes passeios.

HOMEM - É bonita, mas se eu não conseguir arranjar tripulantes suficientes para a manobra, terei de ir dizer ao rei que já não a quero.

MULHER - Perdoo o breve logo à primeira contrariedade.

HOMEM - A primeira contrariedade foi estar à espera do rei três dias, e não desisti.

MULHER - Se não encontrares marinheiros que queiram ir, cá nos arranjamos os dois.

HOMEM - Então dóida, duas pessoas sãs e boas não seriam capazes de governar um barco destes, eu teria de estar sempre ao leme, e tu, nem vale a pena estar a explicá-las, é uma loucura.

MULHER - Depois veremos, agora vamos mas é comer.

Sabiam para o castelo de papa, o homem ainda se protestar contra o que chamava loucura, e, ali, a mulher de repente abriu o farral que ele tinha tralado, um pão, queijo duro, do cabra, azeitonas, uma garrafa de vinho. A lua já estava sobre o porto sobre o mar, as sombras da reinga e do mastro grande vieram dentro-se-lhes aos pés.

MULHER - É realmente bonita a nossa caravela. A tua, a tua caravela.

HOMEM - Descanço que não o será por muito tempo.

MULHER - Navegues ou não navegues com ela, é tua, deu-te o rei.

HOMEM - Preciso-lhe para ir procurar uma ilha desconhecida.

MULHER - Mas estas coisas não se fazem de pé para a mão, levam o seu tempo, já o meu pai dizia que quem vai ao mar avia-se em terra, e mais não era do marinheiro.

HOMEM - Sem tripulantes não podemos navegar.

MULHER - Já o tenho dito.

HOMEM - É há que abandonar o barco das mil coisas necessárias a uma viagem como esta, que não se sabe onde nos levará.

MULHER - Evidentemente, e depois tentamos de esperar que seja a boa intenção, e sair com a boa mão, e vir gente ao lado a descejar-nos boa viagem.

HOMEM - Estás a ri-te de mim.

MULHER - Nunca me riás de quem me fez sair pela porta das decisões.

PEDRO - Que é raro ser usada, mas quando o é...

SÉQUITO - É!

HOMEM - Desculpa-me.

MULHER - E não tentares a passar por ela, recorda-te que tensê-la.

NARRADOR - O luar iluminava em cheio a cara da mulher tão limpa, é bonita!

HOMEM - É bonita!

NARRADOR - Realmente é bonita.

HOMEM - Realmente é bonita.

NARRADOR - Pensou o homem, que desta vez não estava a referir-se à casaca. A mulher, esta, não pensou nada, devia ter pensado tudo durante aqueles três dias, quando entraria de vez em quando a porta para ver se aquele ainda continuava lá fora, à espera. (Rinco) A senta de um paquete que saía para o mar soltou um ruído potente, como deviam ter sido os de levatã.

MULHER - Quando for a nossa vez faremos menos barulho.

Ajazar do estarem no interior da casa, a água cedeu um pouco à passagem do paquete, e o homem disse:

HOMEM - Mas balçoasemos muito mais.

Riram os dois, depois de terem caído.

HOMEM e MULHER - Vários dormi... *(O homem e a mulher acordam e olham para o outro, sem se reconhecerem)*

MULHER - Não é que eu tenha muito sono.

HOMEM - Nem eu.

(Depois colocam-se de lado e voltam a dormir)

MULHER - Há beliches lá em baixo.

HOMEM - Sim.

(E foi então que se levantaram, que desceram à cobertura, aí a mulher disse)

MULHER - Ah! amanhã, eu vou para este lado.

HOMEM - E eu vou para este, ah! amanhã.

NARRADOR - Não disseram bombozo nem estalido, decerto por estarem ainda a praticar na arte.

(A mulher voltou atrás)

MULHER - Tinha-me esquecido. *(Jira do bolso do avental dois cacos de vela)*. Encontrei-os quando andava a limpar, e que não tenho a febre.

HOMEM - Eu tenho.

(Ela seguiu as velas, uma em cada mão, ele acendeu um fósforo, depois, abrigando a chama sob a cúpula dos dedos curvados, levou-a com todo o cuidado aos velhos pavos, e foi pagos, creceu instantaneamente como far o luar, tomou a cara da mulher de império, sem se dar por isso a que ele pensou)

SÉQUITO MASCULINO - É tanta.

SÉQUITO FEMININO - Vi-se bem que só tem olhos para a sua desconhecida.

NARRADOR - Aqui está como as pessoas se enganam nos sonhos do ofício, sobretudo ao princípio.

MULHER - Ah, amanha, dorme bem.

HOMEM - Que tenha sonhos felizes.

NARRADOR - Daqui à pouco, quando lá estiver em baixo, deitado no seu beliche, virá-lhe à ideia outras frases, mais espirituosas, sobretudo mais insinuantes, como se espera que sejam as de um homem quando está a sós com uma mulher. Perguntava-se se já dormira, se teria tentado a entrar no sono, depois imaginou que andava à procura dela e não a encontrava em nenhum sítio, que estavam perdidos os dois num bardo eterno, o sonho é um prestidigitador hábil, muda as proporções das coisas e as suas distâncias, separa as pessoas, e elas estão juntas, reúne-as, e quase não se vêem uma à outra, a mulher dorme a poucos metros e ele não sabe como alcançá-la, quando é tão fácil ir de bombordo a estribordo.

Tinha-lhe atorçado felizes sonhos, mas foi ele quem levou toda a noite a sonhar. Sonhou que a sua caravela ia no mar alto, com as três velas triangulares gloriolosamente enfiçadas, abindo caminho sobre as ondas, enquanto ele manobrava a roda do leme e a tripulação descansava à sombra. Não permitia como pediam ao estar os marinheiros que no porto e na cidade se dissem necessários a embarcar com ele para ir à procura da ilha desconhecida, provavelmente amparavam-se da grossa ironia com que o haviam tratado. Via armaras empilhadas pela coberta, patas, coelhos, galinhas, e habitual da colação doméstica, detestando as gritas de milho ou coendo as folhas de couve que um marinheiro lhes atirava, não se lembrava de quando se tinha trancado para o sono, fosse como fosse era natural que ali estivessem, imaginemos que a ilha desconhecida é, como tantas vezes a foi no passado, uma ilha deserta, e melhor está jogar pela segura, toda salteada que abre a porta do coelhito e agarrar um coelho pelas orelhas sempre foi mais fácil do que perseguir-lo por montes e vales. Do fundo do porto veio agora um coro de relinchos de cavalos, de rugidos de bois, de rancos de asnos, os vocos dos rebolos animais necessários para o trabalho pesado, e como foi que vieram eles, como podem estar numa caravela onde a tripulação humana mal cabe, de sobra o vento das velas guardado, a vela maior tocou e conduziu por lá de lá estava o que antes não se via, um grupo de mulheres que mesmo sem as coarçar se achavam sem faltar quantos os

marinheiros, ocupam-se nas suas coisas de mulheres, ainda não chegou o tempo de se ocuparem do mar, está claro que isto só pode ser um sonho, na vida real nunca se vêem assim. O homem do lenço dourado com as oitavas a mulher da freguesia e não a viu. Talvez esteja no beliche de estibordo, a desentatar as desagas da coberta, pensou, mas foi um pensar fugido, porque ele bem sabe, embora também não saiba como o sabe, que não a vêem fora não que vir, que saíam para a casa, dizendo de si, Adeus, adeus, já que só tem oitavas para a ilha desconhecida, não me entenda, e não era verdade, agora mesmo andam as oitavas dele a procurá-la e não a encontram. Nesse momento o céu cobriu-se e começou a chover, e, sendo chovido, principioum a botar inúmeras plantas das fileiras de sacos de terra alinhadas ao longo da amurada, não estão aí porque se supõe que não haja terra bastante na ilha desconhecida, mas porque assim se ganhava tempo, no dia em que lá chegamos só tivemos que transplantar os arvoredos de fruto, serrar os grãos das pequenas sementes que não amadurecer aqui, e coltar os caneiros com os flocos que desentochado destes barcos. O homem do lenço pergunta aos marinheiros que desceram na coberta se

HOMEM - Vistam alguma ilha desabitada.

PSEUDO-MARINHEIROS - Nem de umas nem das outras, mas que estão a pensar em desembarcar na primeira terra povoada que lhes apareça, desde que haja lá um porto onde fundear, uma taberna onde beber e uma cama onde folgar, que aqui não se pode, com toda esta gente junta.

HOMEM - É a ilha desconhecida?

PSEUDO-MARINHEIROS - A ilha desconhecida é coisa que não existe, não passa duma ideia da tua cabeça, os geógrafos de rei leram nos mapas e declararam que lá há por conhecer à coisa que se sabem desde há muito tempo.

HOMEM - Deveis ter ficado na cidade, em lugar de vir atrapalhar-me a navegação.

PSEUDO-MARINHEIROS - Andávamos à procura de um sítio melhor para viver e resolvemos aproveitar a tua viagem.

HOMEM - Não sois marinheiros?

PSEUDO-MARINHEIRO - Nunca o fomos.

HOMEM - Sussinho, não serei capaz de governar o bairão.

PSEUDO-MARINHEIRO - Pensasse nisso antes de o pedir ao rei, o mar não ensina a navegar.

Então o homem do leme via uma terra ao longe e quis passar adiante, fazer de conta que ela era a imagem de uma outra terra, uma imagem que tivesse vindo do outro lado do mundo pelo equador, mas os homens que nunca haviam sido marinheiros profissionais, disseram que ali mesmo é que queriam desembarcar.

PSEUDO-MARINHEIRO - Esta é uma ilha do mapa, mata-te-emos se não nos levassem lá.

HOMEM - Podem ir-vos.

Ato continua saltares em contêstua, primeiro as mulheres, depois os homens, mas não foram todos, levaram com eles as patas, os ossos e as garras, levaram os bois, as burras e os cavalos, e até as galinhas, uma igrejinha casta, levantaram-no e se foram do barco transportando no leme os seus garotinhos, pessoa que não tinha sido prometida antes, mas foi sempre uma vez. O homem do leme assistia à partida em silêncio, não fez nada para evitar as que o abandonavam, as coisas tinham-no deixado com as âncoras, os tripes e as flocos, com as impedências que se enrolavam nos mastros e pendiam da amurada como festões.

NARRADOR - Por causa do atropelo da saída haviam-se rompido e detachado os sacos de terra, de modo que a colheita era toda ela como um campo lavado e semeado. As saídas das árvores já estão penetrando no cavensame, não tanta que estas velas igadas deixem de ser precisas, bastará que o vento sopra nas copas e vê encaminhando a caravela ao seu destino. É uma floresta que navega e se balança sobre as ondas.

Uma flutuante onda, sem saber-se como, conseguem e com as passagens, deviam estar escondidos por aí e de repente decidiram sair à luz, talvez porque a noite já esteja madura e é preciso senti-la. Então o homem trouxe a roda do leme e deixou ao campo com a torre ao lado, e foi quando tinha voltado as primeiras espigas que viu uma semboia

ao lado da sua sombra. Acordou aborrido a mulher de limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos, confundidos os beijos, que não se sabe se este é o de homão ou o de estalado. Depois, mas a tal acobardar de nascer, o homem e a mulher foram pintar na praia de barro, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Descontente fez-se entre ao mar, à procura de si mesma.

FIM